

A ESCRAVA ISAURA:
TRAJES QUE
ROMANTIZARAM A
ESCRAVIDÃO DO
BRASIL PARA O
MUNDO (?)

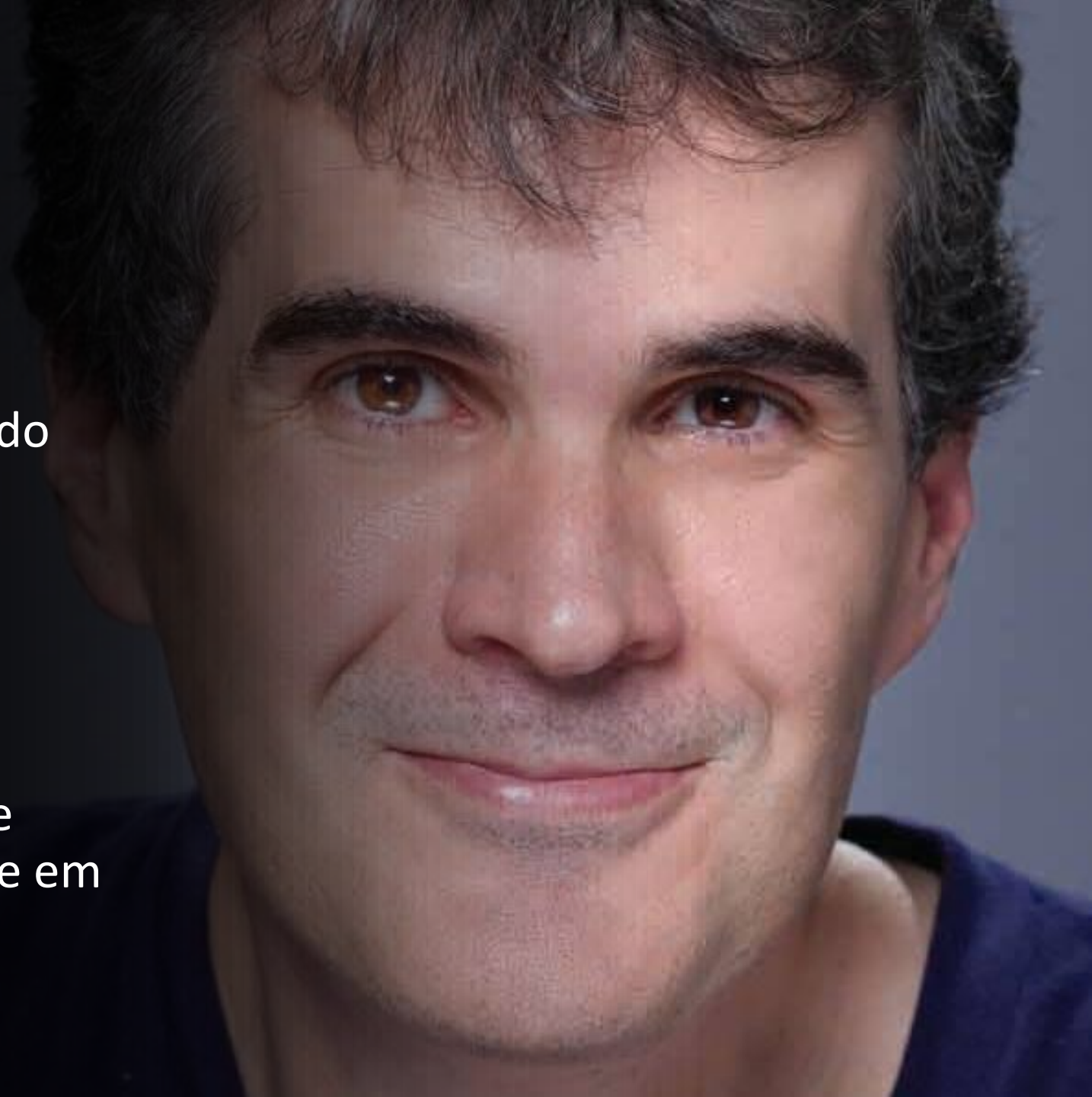
Fausto Viana



Raríssima imagem dos bastidores da novela
Esrava Isaura, 1976, trazendo os atores
Rubens de Falco e Lucélia Santos
Coleção Marcelo Del Cima

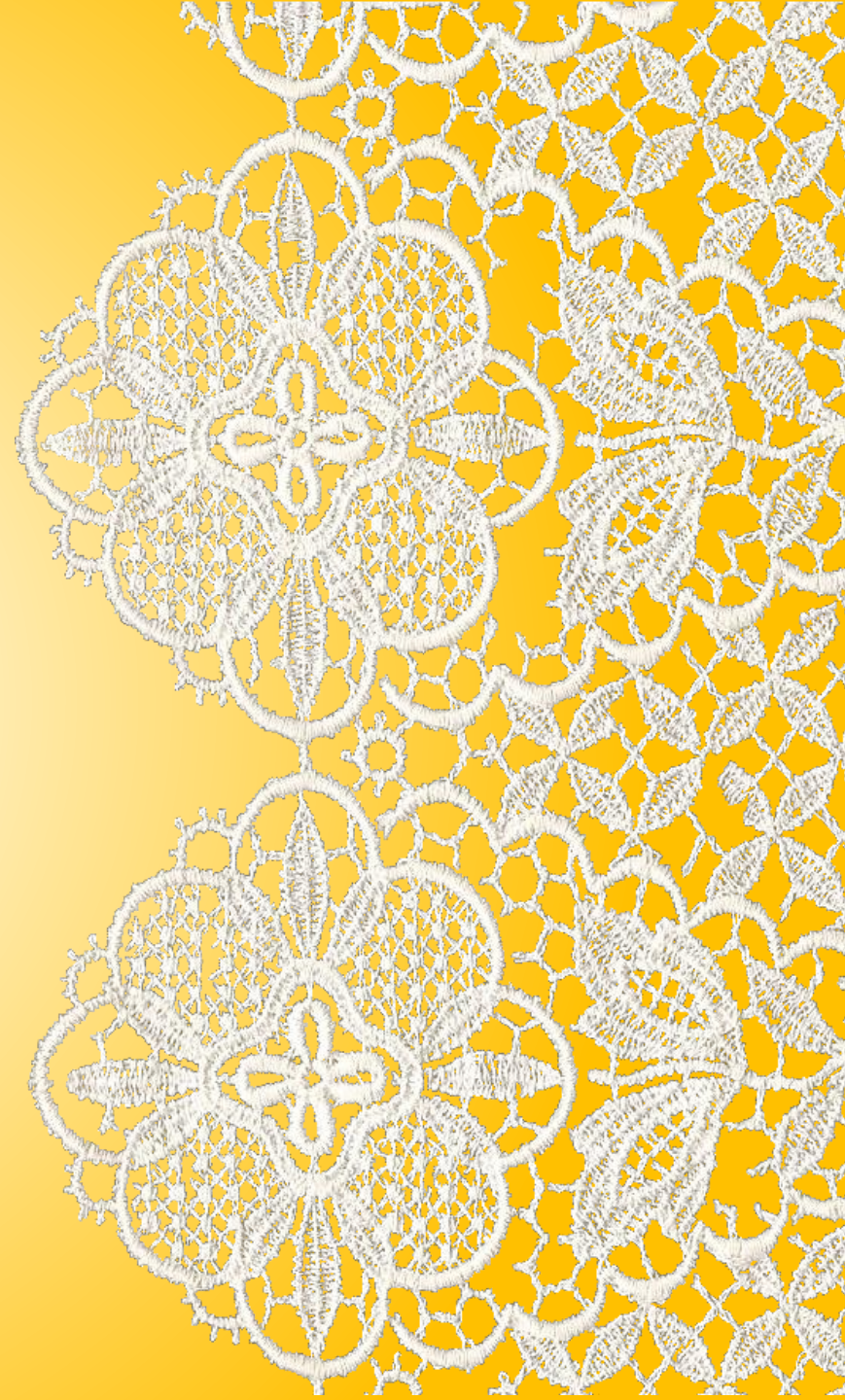
Fausto Viana:

- Bacharelado, Mestrado e Doutorado em Artes
- Mestrado em Moda
- Doutor em museologia
- Livre docência em teatro- 2006
Cenografia
- Pós-doutorado em conservação de têxteis no Museu Nacional do Traje em Lisboa 2008-2009



RESUMO

Esta breve apresentação pretende estimular a reflexão sobre os trajes usados por Isaura / Elvira, na adaptação televisiva de 1976. A criação dos trajes foi de Zenilda Barbosa e contou com o apoio da pesquisadora de época Ana Maria Magalhães. A novela, no ar entre 1976 e 1977, teve estrondoso sucesso de público, nacional e internacional: foi vendida e exibida para mais de oitenta países, entre eles China e União Soviética.



RESUMO

Em que pese toda a liberdade criativa que um figurinista possa – e deva – ter, deseja-se investigar se a representação ultra-romantizada dos trajes “do período” não contribuíram para disseminar pelo mundo uma visão distorcida do entendimento do que significava ser escravizado no Brasil naquele período histórico: a “limpeza teatralizada e idealizada” dos trajes dos escravos - e entende-se que possa ser possível uma opção por esta linha pouco verossímil de representação; sua representação amplamente baseada nas gravuras dominicais de negros “de casa”, feitas pelo pintor Jean Baptiste-Debret (1768-1848) e, acima de tudo, o rol de vestidos trajados pela protagonista, a atriz Lucélia Santos, que não raro usava crinolinas, rendas, luvas e outros adereços românticos.

RESUMO

Em segundo momento - pós-Colóquio -, deseja-se também analisar alguma eventual conexão *vestimentar* com a obra *A cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe (1811-1896) e que fora publicado em 1852, alcançando grande sucesso dada a sua tratativa cristã melodramática do tema “escravidão”.



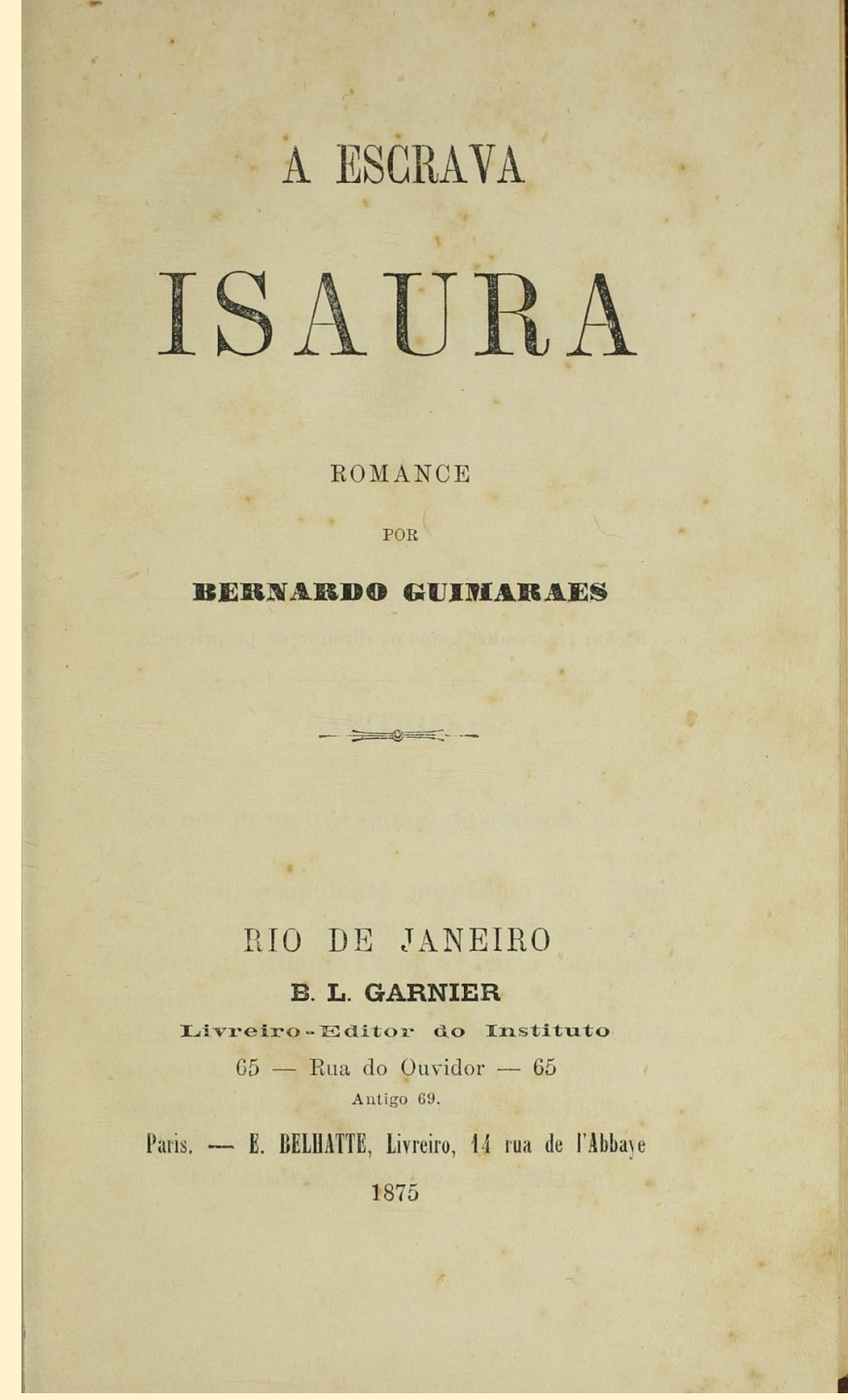
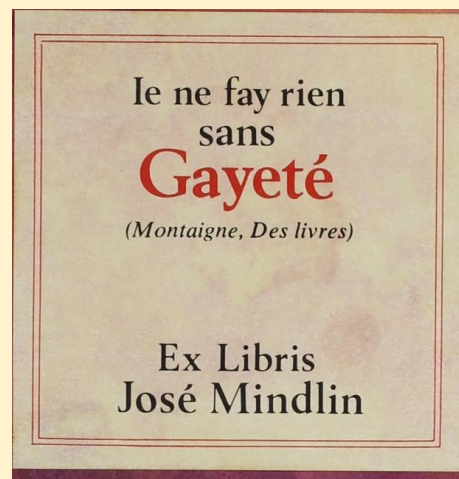
A novela foi livremente inspirada no romance a Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães (1825-1884), de 1875.

Crítica: romantizou a escravidão

Apoio: abriu a discussão para camadas brancas sobre o abolicionismo.

“Nada faço
sem
alegria”

<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018838&bbm/7584#page/3/mode/1up>

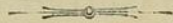


A ESCRAVA
ISAURA

ROMANCE

POR

BERNARDO GUIMARAES



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-Editor do Instituto

65 — Rua do Ouvidor — 65

Antigo 69.

Paris. — E. BELHATTE, Livreiro, 14 rue de l'Abbaye

1875

REFERÊNCIAS VESTIMENTARES DE ISAURA/ ELVIRA NO LIVRO:

Primeira aparição de Isaura:

“Os encantos da gentil cantora eram ainda realçados pela singeleza, e diremos quase pobreza do modesto trajar. Um vestido de chita ordinária azul-clara (...)”.

Na festa no Recife, quando é desmascarada:

Porta então um vestido de algodão leve.



escrava
ISAURA

Autoria:

Gilberto Braga

Direção:

Herval Rossano e Milton Gonçalves

Direção geral:

Herval Rossano

Diretor de núcleo:

Herval Rossano

Período de exibição:

11/10/1976 – 05/02/1977

Horário: 18h

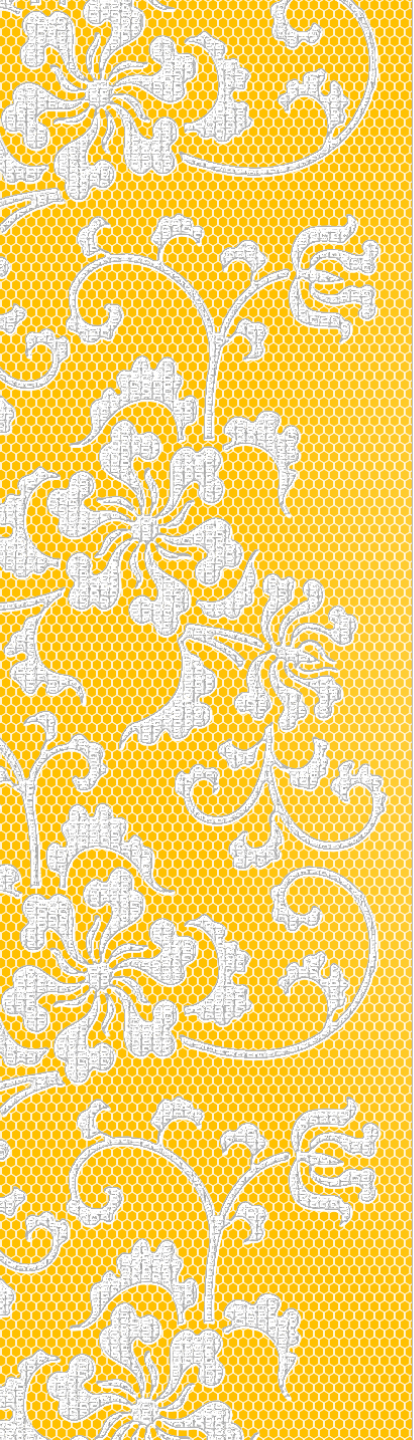
Nº de capítulos: 100

Braga's decision to move the story from the original 1840s to the 1860s and 1870s allows him to show the slave system in decline with a society that condemns it and plans a future without it.

Paula Halperin é professora associada de Estudos de Cinema e História na State University of New York (Suny) Purchase College. Seus objetos de pesquisa são mídia e esfera pública no Brasil e na Argentina durante a segunda metade do século XX, a relação entre filme, televisão, história e política na América Latina, e intervenções políticas artísticas e intelectuais no Brasil e Argentina durante o século XX. E-mail: paula.halperin@purchase.edu

SINOPSE

Órfã desde o nascimento, a escrava branca Isaura (Lucélia Santos) desconhece quem é seu pai. Sabe apenas que a mãe foi uma mulata, mucama da fazenda onde agora reside. Isaura sempre foi amparada por Ester (Beatriz Lyra), sua senhora, que a educou como moça da corte. Sua protetora morre e o filho, Leôncio (Rubens de Falco), se torna o administrador dos bens da família. Apaixonado pela escrava e furioso por não ser correspondido, ele se apodera de sua carta de alforria, deixada pela mãe, e aplica castigos cruéis à moça. A jovem encontra consolo ao descobrir a identidade de seu pai, Miguel (Átila Iório), que decide comprá-la, mas Leôncio não aceita vendê-la. Isaura foge com o pai e assume a identidade de Elvira. Ela conhece o jovem abolicionista Álvaro (Edwin Luisi), mas é desmascarada pelo vilão. No fim da trama, Leôncio se suicida após ter todos os bens arrendados por Álvaro, inclusive Isaura.



A ABERTURA

DEBRET, Jean-Baptiste.
Castigo imposto aos
negros.

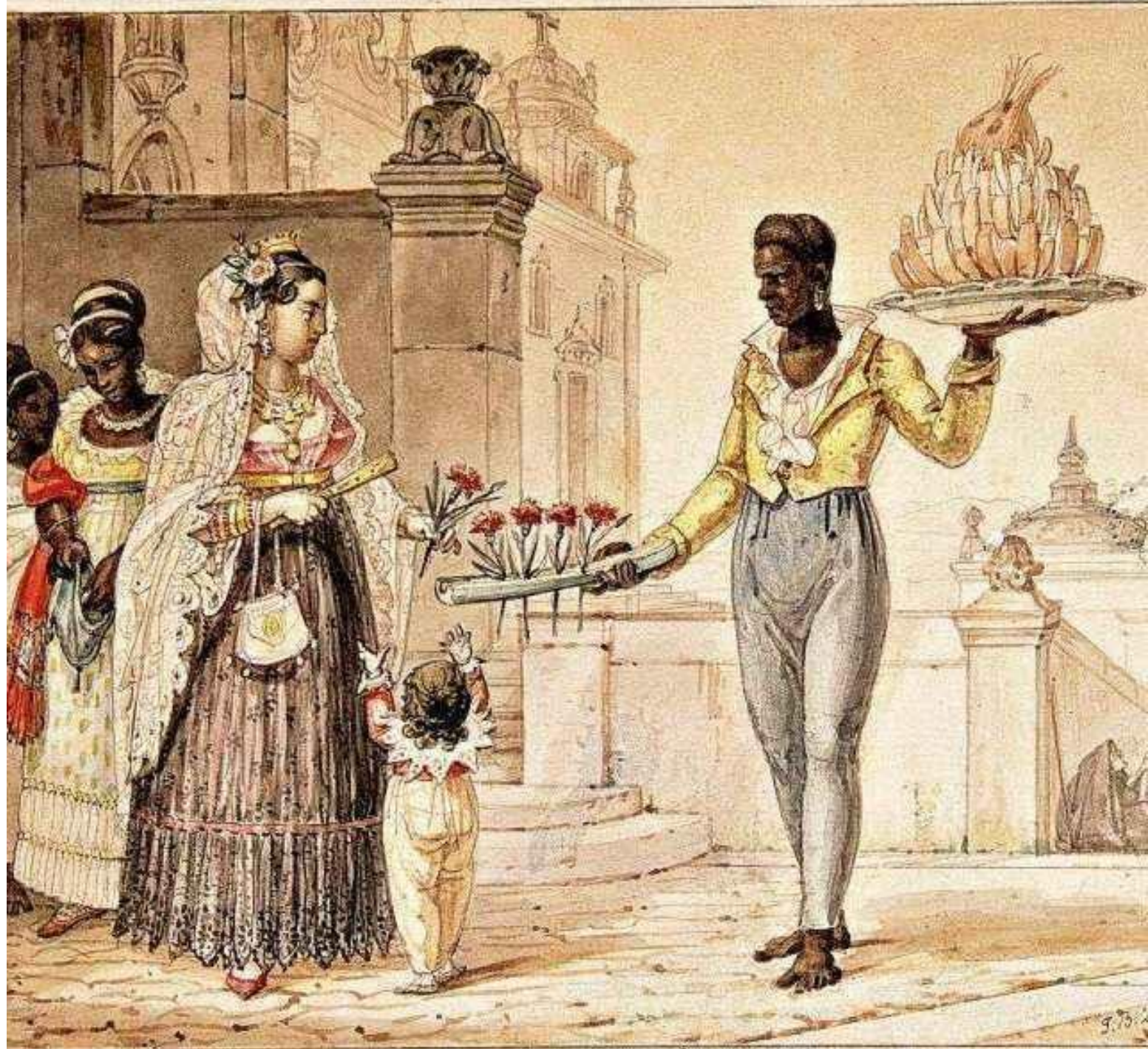
1816-31.

Coleção Geneviève e
Jean Boghici, Rio de
Janeiro.



Vendedor de flores e de fatias de coco
Jean-Baptiste Debret

1829



DEBRET, Jean-Baptiste.
Uma senhora de
algumas posses em sua
casa.

1823.

Litografia aquarelada à
mão: 16 cm × 22 cm.
Instituto Durango
Duarte, Manaus.



Desembargadores
a caminho do
Palácio da Justiça –

1826



DEBRET, Jean-Baptiste.
Um jantar brasileiro.

1827.

Museu Castro Maya



“Negra com
tatuagens vendendo
cajus – 1827”

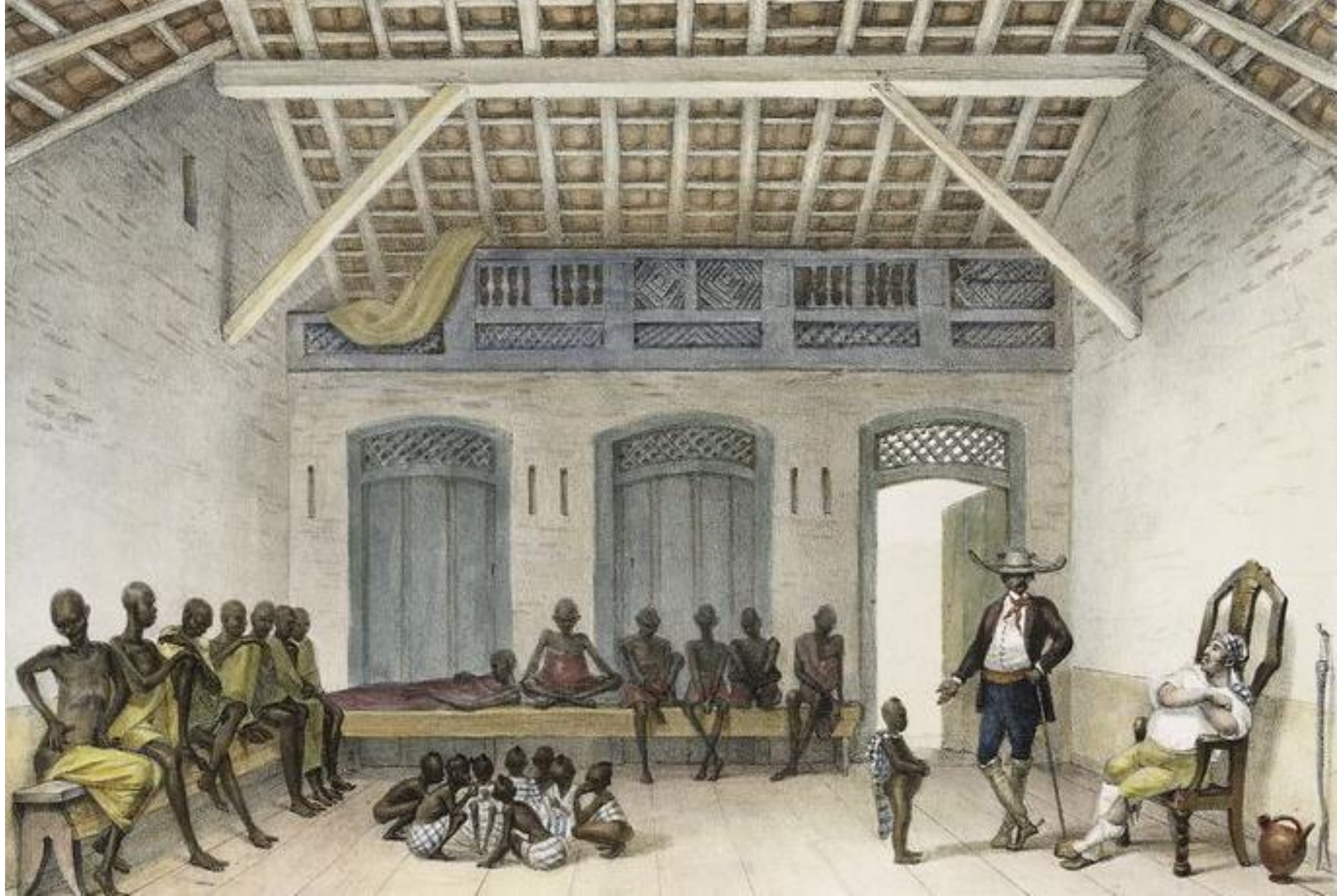


Primeiras ocupações
da manhã – 1826

Museus Castro
Maya -
IPHAN/MinC - MEA
0248



Mercado de escravos na Rua do Valongo – 1816-1828



DEBRET, Jean-Baptiste.
Cadeirinha de baiana.

1825.

Museu Castro Maya



Voto d'uma
missa
pedida
como
esmola –
1826



voto d'uma missa pedida como esmola

DEBRET, Jean-Baptiste.
Negros puxando carro.

1834(?)

Museu Castro Maya



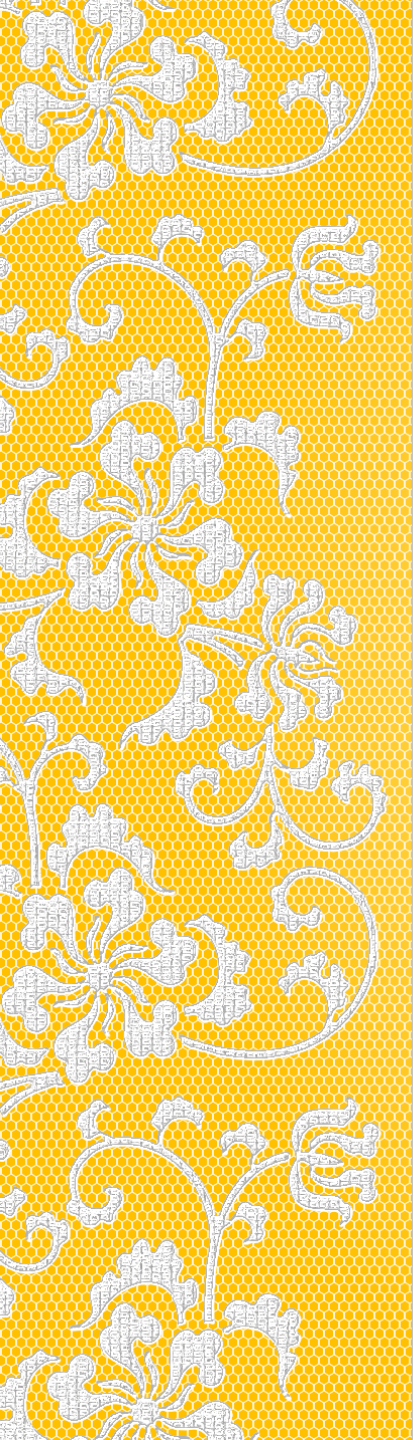
escrava ISAURA

TRILHA
SONORA
ORIGINAL
DA NOVELA



SOM LIVRE


REDE GLOBO



A FIGURINISTA

Zenilda Barbosa



1976-77



1977



1977



1978-79



1979, com
Isabel Pancada



1985



1984-85



1984-1985
Figurinos: Marco Aurélio
Guarda-roupa: Zenilda Barbosa



 **Cambos. em 1880. três anos depois**
ritor. Seus per-
viuvinha” e “O
palemnte, foram
utilizados pelo adaptador Lafayette.

Com quase 30 capítulos fechados, “Sinhazinha Flô” mostrará, a partir de hoje, o resultado de um trabalho minucioso de produção. O ano de 1880, agitado por crises econômicas, constantes mudanças ministeriais, guerra do Paraguai e campanha abolicionista, foi objeto de um levantamento feito, com profundidade, pela pesquisadora Ana Maria Magalhães, a pedido da emissora. Essa pesquisa, além de um breve histórico biográfico sobre José de Alencar, forneceu dados preciosos para a caracterização de época — desde a situação sócio-político-econômica até o aspecto cultural, informações sobre os ciganos, o catolicismo, a moda e o comportamento da sociedade brasileira no Império.

Mas por que 1880? Num acordo entre o diretor Herval Rossano e o adaptador Lafayette Galvão, a data foi escolhida por concentrar acontecimentos muito importantes para a ação do enredo. O processo de libertação dos escravos está no auge, foi aprovada a lei de José Antônio Saraiva, propondo a eleição direta, e que veio, mais tarde, reforçar a proclamação da República. No Rio de Janeiro, José do Patrocínio e André Rebouças lutam pela libertação dos escravos. A história, portanto, passada três anos depois da morte de Alencar, é uma adaptação, ou recriação, utilizando personagens de seus livros. Idéia aprovada, pesquisa feita e os primeiros capítulos na mão, a produção do Núcleo das 18 horas passou para a primeira etapa das gravações: conseguir loca-

Eduardo não escondem o entusias-
mo pelo trabalho e confessam:
quem é que não gostaria de voltar
no tempo para brincar de mocinho
e bandido?

bem, contando, inclusive, com a participação de 30 figurantes locais.

No dia 1º de setembro, os cenários de Paulo Dunlop já estavam prontos para o primeiro dia de gravação em estúdio. Os figurinos, porém são um capítulo à parte. Depois do primeiro contato com a roupa da época, através da pesquisa de Ana Maria, a figurinista Zenilda Barbosa estudou toda a construção da roupa, o tipo de postura das pessoas ao usar este ou aquele modelo, quais são os adereços necessários, o que usar e a que horas usar. Teve que se preocupar ainda com o tipo de tecido a ser usado durante a novela, para diferenciar de outra que se passe na mesma época. Os personagens femininos têm roupas de ficar em casa, de viagem, de montaria, de missa, de visita, e de ocasiões especiais, como casamentos, além de um arsenal de anáguas, pufes, rendinhas, calçados, luvas, sombrinhas, echarpes, chapéus, brincos e bijuterias, que serão usados com cada roupa. Os personagens masculinos recebem, basicamente, quatro ternos e trajes especiais para festas, sapatos, botas, chicotes, esporas, gravatas e chapéus. A única peça do vestuário comprada pronta é a camisa dos homens, feitas especialmente de acordo com o modelo apresentado.

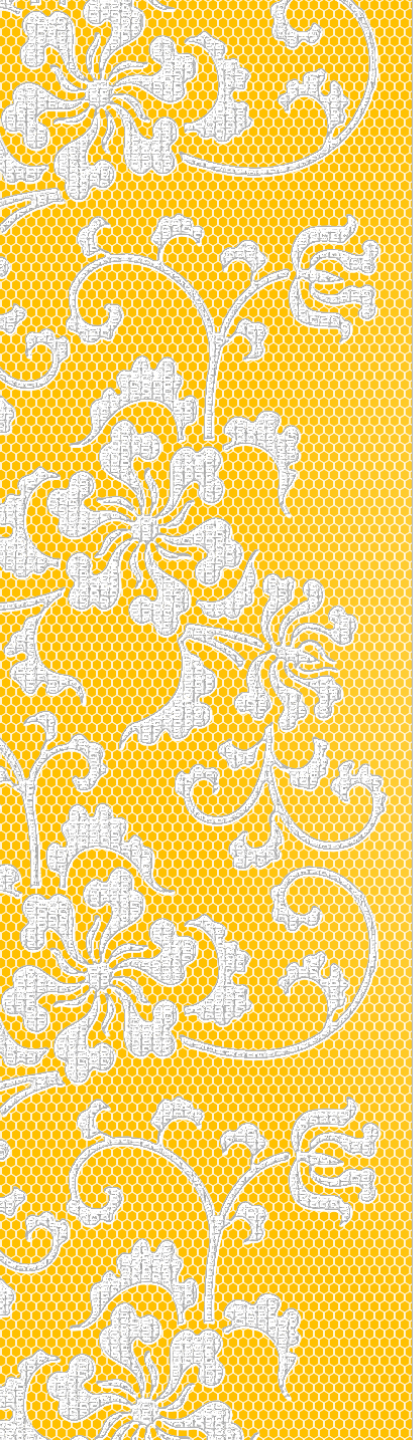
Esse verdadeiro relatório das etapas mais trabalhosas da produção — comandada por Almeida Santos e Mário Márcio Bandarra — é apenas uma amostra da qualidade da realização. Valorizada por estes cuidados técnicos, a história de Lafayette Galvão apresentada no enredo é tão rica e movimen-

No dia 25 de outubro de 1977, no jornal o Globo, Arthur da Távola publicou na página 33 o seguinte comentário sobre o processo criativo de Zenilda Barbosa para Sinhazinha Flô:

A figurinista Zenilda Barbosa estudou toda a construção da roupa, o tipo de postura das pessoas ao usar este ou aquele modelo, quais são os adereços necessários, o que usar e a que horas usar. Teve que se preocupar ainda com o tipo de tecido a ser usado durante a novela, para diferenciar de outra que se passe na mesma época.

Os personagens femininos tem roupas de ficar em casa, de viagem, de montaria, de missa, de visita, e de ocasiões especiais, como casamentos, além de um arsenal de anáguas, pufes, rendinhas, calçados, luvas, sombrinhas, echarpes, chapéus, brincos e bijuterias, que serão usados com cada roupa.

Os personagens masculinos recebem, basicamente quatro ternos e trajes especiais para festas, sapatos, botas, chicotes, esporas, gravatas e chapéus. A única peça do vestuário comprada pronta é a camisa dos homens, feitas especialmente de acordo com o modelo apresentado.



**A PESQUISADORA DE
ÉPOCA:
Ana Maria Magalhães**



Estreei na novela das 6 “Vejo a Lua no céu”, que era ambientada no Rio do início do século XX. Esta era apenas a primeira de muitas novelas que fiz na faixa das 6.

Minha pesquisa foi em dezenas de jornais e livros da Biblioteca Nacional e Instituto Histórico Nacional.

<https://www.instagram.com/ana.mariademagalhaes.mammy/>



Para fazer produção de arte é fundamental saber história e ter a capacidade de garimpar informação, imagens, livros e detalhes que auxiliem na recomposição de um determinado período histórico

[anamariademagalhaes.mammy](https://www.instagram.com/anamariademagalhaes.mammy)

Me formei em história na UFRJ e logo fui dar aula para alunos de diversas faixa etárias.

Acontece que no meado da década de 1970 estava desejando seguir novos rumos. Era a época que o “Globo Repórter” estava estreando na grade da Globo e senti vontade de participar desse projeto. Meu pai conhecia muita gente da diretoria da emissora. Mandeí meu currículo, mas infelizmente não havia vagas para a parte de pesquisa do programa. Eles me aceitaram, mas para a dramaturgia. Fiquei por 3 meses adquirindo experiência.

Era tudo muito novo e fui tendo que me adaptar a esse novo trabalho como produtora de arte (que na época era chamado de "pesquisadora")

A verdade é
o caminho da
produção de
arte.

anamariademagalhaes.mammy

Sem a verdade não é possível reconstituir a realidade, não é possível imprimir na obra televisiva o espírito do tempo que a novela se propõe. É um trabalho de intensa pesquisa, mas extremamente gratificante quando posto em prática.

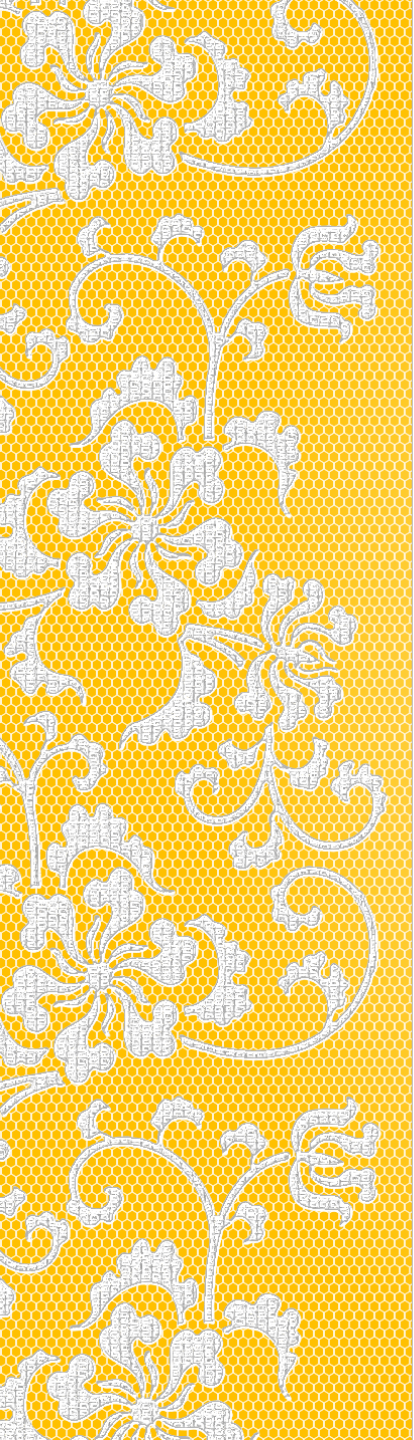


Este foi meu terceiro trabalho como produtora de arte na Globo e me marcou muito.

Nesta época tive que provar o meu valor, convencendo os cenógrafos de que diversos objetos escolhidos não eram adequados ao contexto histórico da novela

A cruz que, supostamente, a mãe deu para Isaura e que ela dá para o namorado que morre queimado.

HERESIA! Isaura beijou dois homens!



OS TRAJES DE ISAURA / ELVIRA



O bem amado, 1973

Primeira telenovela colorida.

(e também a primeira a ser vendida para o exterior)

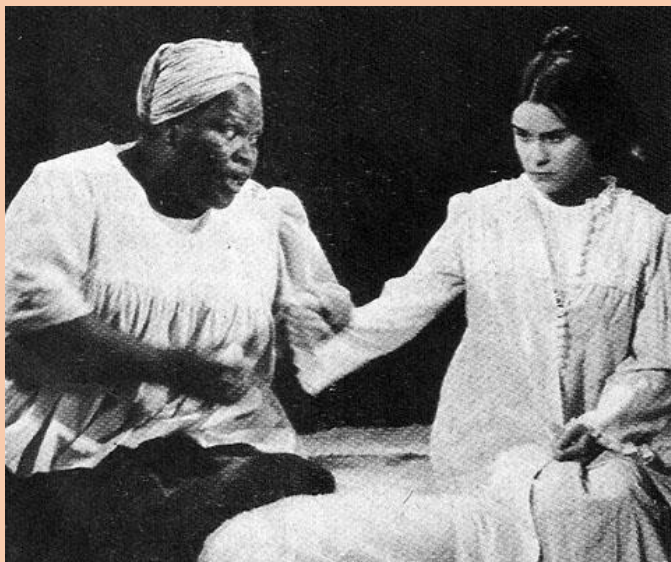
Figurista: Carlos Gil (que entrou em 1973)

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/dias-gomes/noticia/dias-gomes.ghtml>

Januária (escrava negra):

Que vestido bonito!

Isaura: *Era da madrinha
quando moça. Ela mandou
que eu reformasse para mim.*



TRAJE 01
Vestido salmão

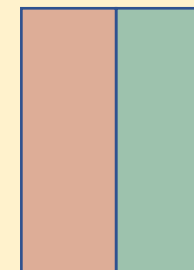












TRAJE 02
Vestido azul e branco



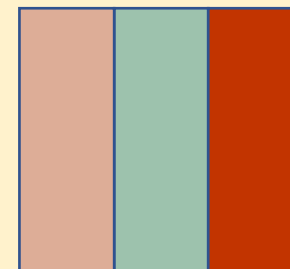


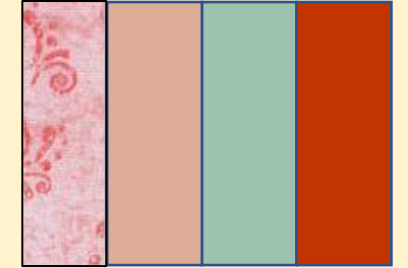
Pesquisadora de época:
Ana Maria Magalhães.
Figurinista: Zenilda Barbosa.



TRAJE 3

*Saia e blusa para ir
para o tronco*





TRAJE 4
*Vestido floral rosado/
também vai para o
tronco*



PRODUÇÃO

A novela teve como cenário a cidade de Conservatória e fazendas na região de Vassouras, no interior do estado do Rio de Janeiro. Em função do incêndio que havia destruído as instalações da Globo em junho de 1976, as cenas de interior foram gravadas nos estúdios da TV Educativa e da Herbert Richers.

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/escrava-isaura/noticia/bastidores.shtml>



Rubens de Falco e
Lucélia Santos em
Escrava Isaura, 1976.
Acervo/Globo. — Foto:
Globo







Maquiagem: Eric Rzepecki Assistentes: Myrcea Cabral e Mercedes Mattos

Assistente de estúdio: Carlos Domingos

Assistente de cenografia: Sandra Demôro

Assistente de Figurinos: Elizabeth G. Passi

Continuista: Alzira das Neves

Contra-regra: Paracium

Gonçalves, Sergio Hércio,

João de Souza, Otavio de

Farias, Adilson Luciano, João

Mario e Helio Conceição.



TRAJE 5

***Mais um vestido rosa
floral***

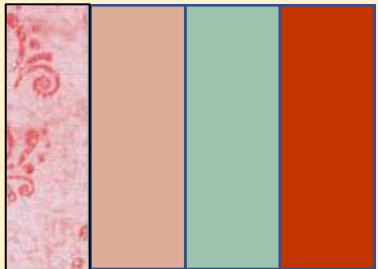
Cenotécnica: Ítalo Romano

Papaleo

Câmeras: Milton Valinho,

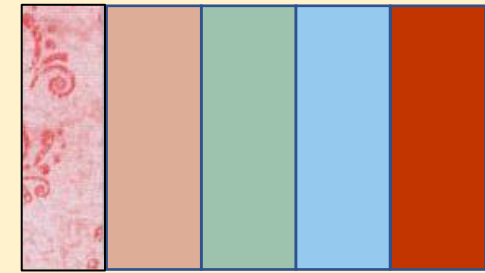
Aislan Canalini e Lizanias de

Azevedo



TRAJE 6
*Mais um vestido
floral*



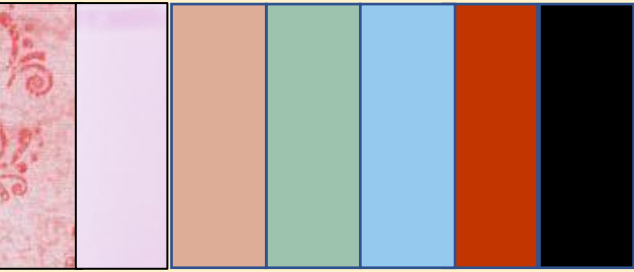


TRAJE 7
Vestido azul



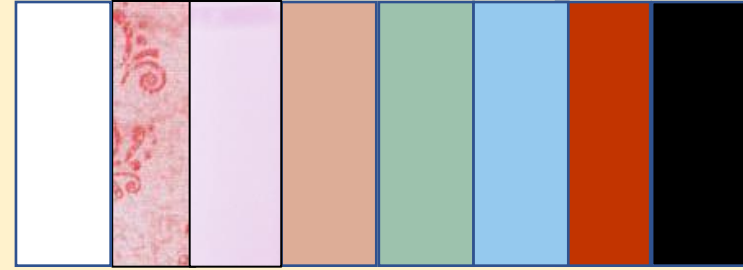


TRAJE 8
*Vestido rosa para
ópera*



TRAJE 9
Vestido de luto

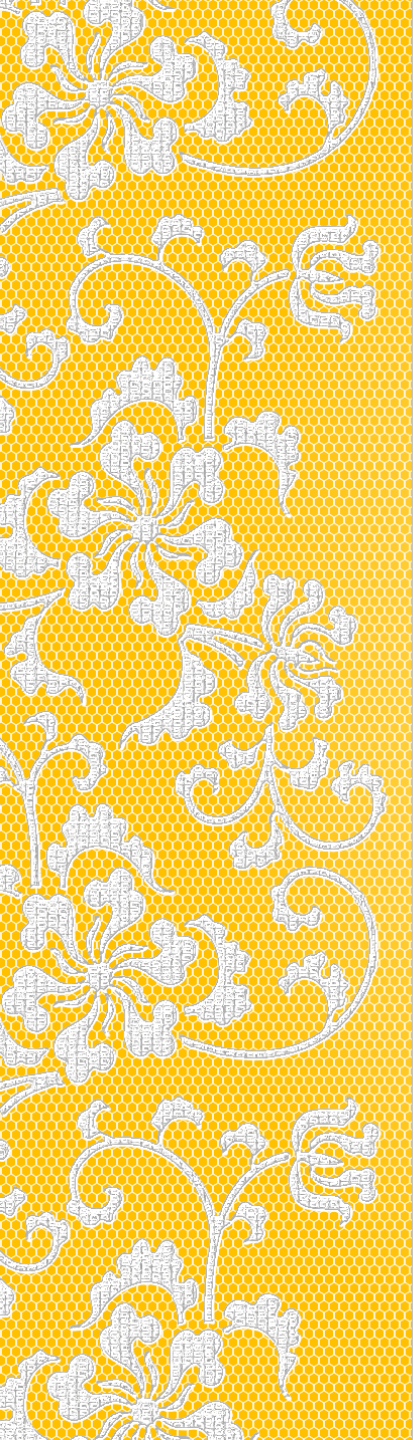




TRAJE 10
Vestido de noiva

- 
- **TRAJE 10**
 - *Sem o véu, foi usado para a cena do desmascaramento.*



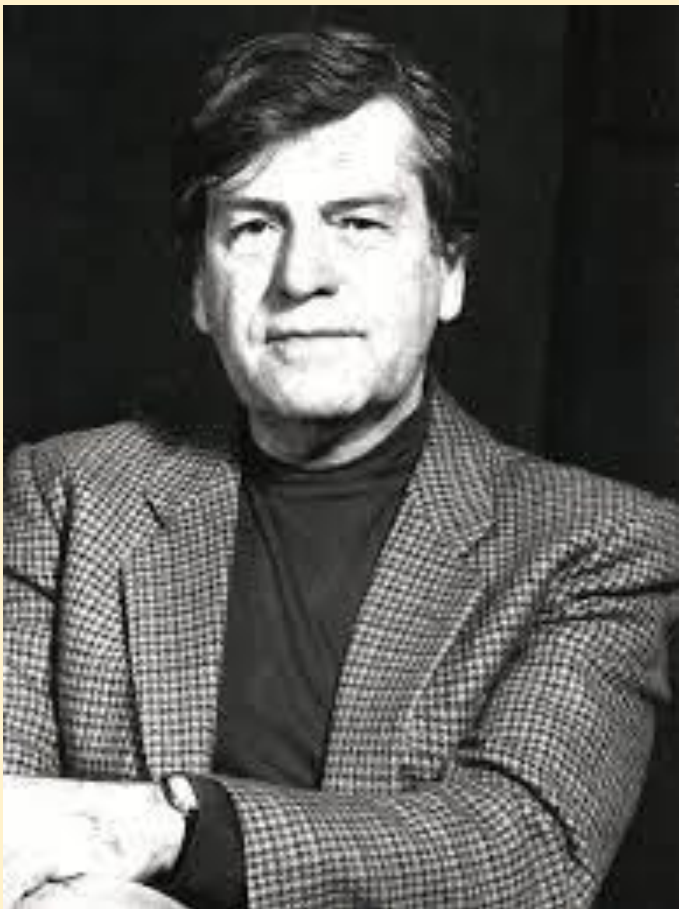


OS TRAJES DOS ESCRAVOS e outros









Campello Neto

“Eu acho que fui muito feliz nos figurinos e aí e que tive a participação política a que me referi. Foi o seguinte: as pessoas pobres estariam esfarrapadas e as burguesas com seus namorados, pares, etc., estariam muito bem vestidos. Eu elevei aquelas burguesas à categoria de princesas, com as capas, as aigrettes, os brilhos todos de um guarda roupa estilizado. A mesma coisa os namorados, os pajens, etc. Eu fiz essa gente com todo esse brilho, mas tratei a pobreza com imenso carinho, em cinza, branco e preto e dégradé de castanho e marrom. Então os pobres faziam um conjunto que era muito bonito. *A pobreza não tinha nada de feio e estava muito harmoniosa.* (...) **Então realmente não existia miséria entre aquela gente.** O Ademar, como pessoa muito séria, queria mostrar a diferença de classes, mas apesar da alegria que eu coloquei nos figurinos, ele não achou que eu tivesse distorcido a ideia dele. Aliás, todo mundo acabou achando que a pobreza estava muito agradável. Eu acho que esse foi um dos mais importantes trabalhos meus”.

Campello Neto sobre *Così fan tutti* (1972) no Theatro Municipal de São Paulo



Arthur da Távola, o jornalista, escreveu em o Globo, em 3 de fevereiro de 1977 - após a novela - o seguinte:

A Globo gosta um pouquinho de enfeitar a miséria colocando-a dentro do padrão Boni de qualidade. *É lógico que seria impossível reproduzir a roupa dos negros escravos e obter um clima realista de senzala na novela das 6 da tarde. A Censura acabaria implicando. Apesar dessa deformação, a estilização da roupa dos negros escravos mesmo parecendo quadros de shows sobre o Brasil de antigamente ficou bonita e original no vídeo, principalmente as das escravas da fiação do algodão.*







02:07:05

00:53:55





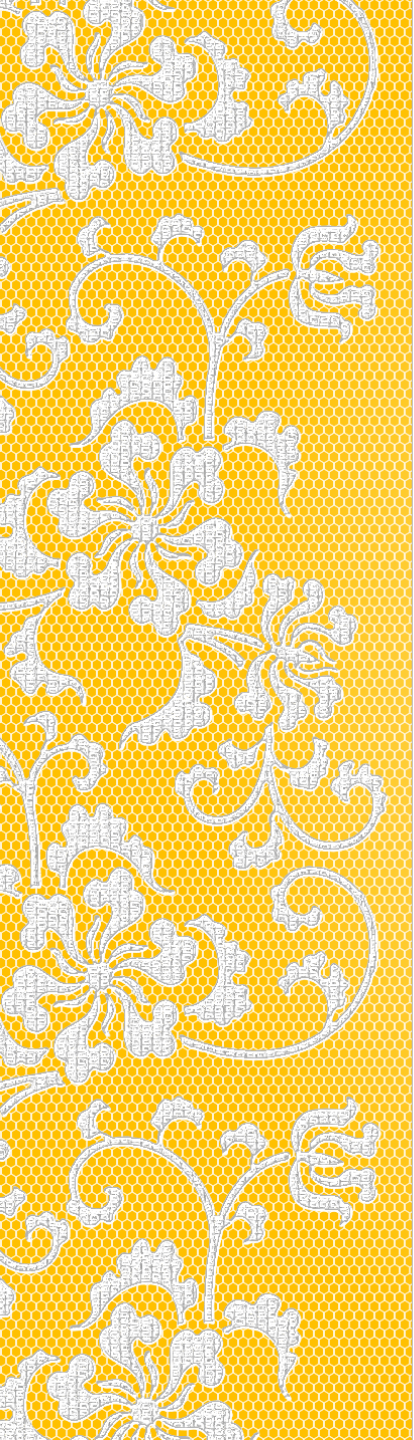
Zeny Pereira e
Beatriz Lyra em
Escrava Isaura,
1976.

Acervo/Globo. —
Foto: Globo



Rubens de Falco em *Escrava Isaura*, 1976. Acervo/Globo.
— Foto: Globo





APONTAMENTOS FINAIS



O problema não foi o figurino e sim a

DRAMATURGIA
(e muitas outras coisas...)

Autores brancos (Bernardo
Guimarães e Gilberto Braga)

Ausência de protagonismo negro – negros conformados, não violentos, pacíficos, aguardando a decisão de brancos.

Justamente pelo enorme sucesso que teve, “Escrava Isaura” parece ter criado uma barreira invisível na dramaturgia brasileira – como se o assunto tivesse se esgotado ali mesmo, como se tudo que você precisasse saber sobre escravidão no Brasil (e mesmo sobre os desdobramentos desse passado terrível) estivesse contido naquela trama.

A maldição da ‘Escrava Isaura’

<http://g1.globo.com/platb/zecacamargo/2013/11/07/a-maldicao-da-escrava-isaura/>



Zeca Camargo

Um giro pelo universo da cultura, do pop e da cultura pop



As origens desse problema, não há como negar, são raciais. **Mas nossa sociedade inexplicavelmente faz vista grossa para encarar essa diferença entre negros e brancos no Brasil, e faz questão de tratá-la como uma questão menor – quase inexistente.** Para quê colocar o dedo numa ferida que ninguém quer reabrir – sobretudo a população branca -, uma questão que tem um culpado tão definido (essa mesma população), tão historicamente inegável, **quando é muito mais fácil “jogar a culpa” num inimigo abstrato: a questão social?** (E, veja bem, não uso “abstrato” como algo que não existe – a questão social existe sim e é bem real -, mas algo que é tão gigante e distante que é quase impossível de definir).

A maldição da 'Escrava Isaura'

<http://g1.globo.com/platb/zecacamargo/2013/11/07/a-maldicao-da-escrava-isaura/>

SEXO E ESTUPRO

É um bendito folhetim, uma novela, melodramática, das seis, sabe-se disso, mas..

Censura, olho dos militares...

Não funcionou como denúncia da violência contra os negros





SUAVIZAÇÃO DO MASSACRE NEGRO ATRAVÉS DE TRAJES LIMPOS, BEM CUIDADOS

APESAR DA
HIPERSEXUALIDADE DA
ROSA (QUE ELA
ENCARAVA COMO
NATURAL, JÁ QUE ERA
“ES CRAVA”), ELA NUNCA
FOI SEQUER BEIJADA EM
CENA POR UM HOMEM
BRANCO - OU NEGRO -
REFORÇANDO O
ESTEREÓTIPO DA
MULHER NEGRA COMO
OBJETO SEXUAL.

Léa Garcia e Isaac Bardavid
em *Escrava Isaura*, 1976.
Acervo/Globo. — Foto:
Globo





Milton Gonçalves
dirigindo Lucélia
Santos

UM DIRETOR NEGRO
PARA "LEGITIMAR" A
PRESENÇA DOS
NEGROS COMO
PROTAGONISTAS?



Foi apenas
coincidência a
estamparia floral
ultrarromântica
dos trajes da

Laura Ashley dos
anos de 1970?

“A Escrava Isaura, como muitas novelas que reivindicam a reconstrução histórica, conta a história da escravidão com foco nos amores e tristezas dos indivíduos. A história se torna uma narrativa contada através de estados subjetivos e, ao fazê-lo, provoca uma resposta afetiva dos espectadores, trazendo simultaneamente um passado imaginário em estreita articulação com o presente. Tanto a história quanto a narrativa histórica são construídas simultaneamente, e o desfecho romântico aumenta o encerramento histórico”.

<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/155856/160497>



Através do uso de representações emocionais (afeto), cenários, figurinos e locações reais, a Escrava Isaura solidifica partes de discursos juntos, criando um passado imaginário que merece respeito inquestionável e revisão constante.

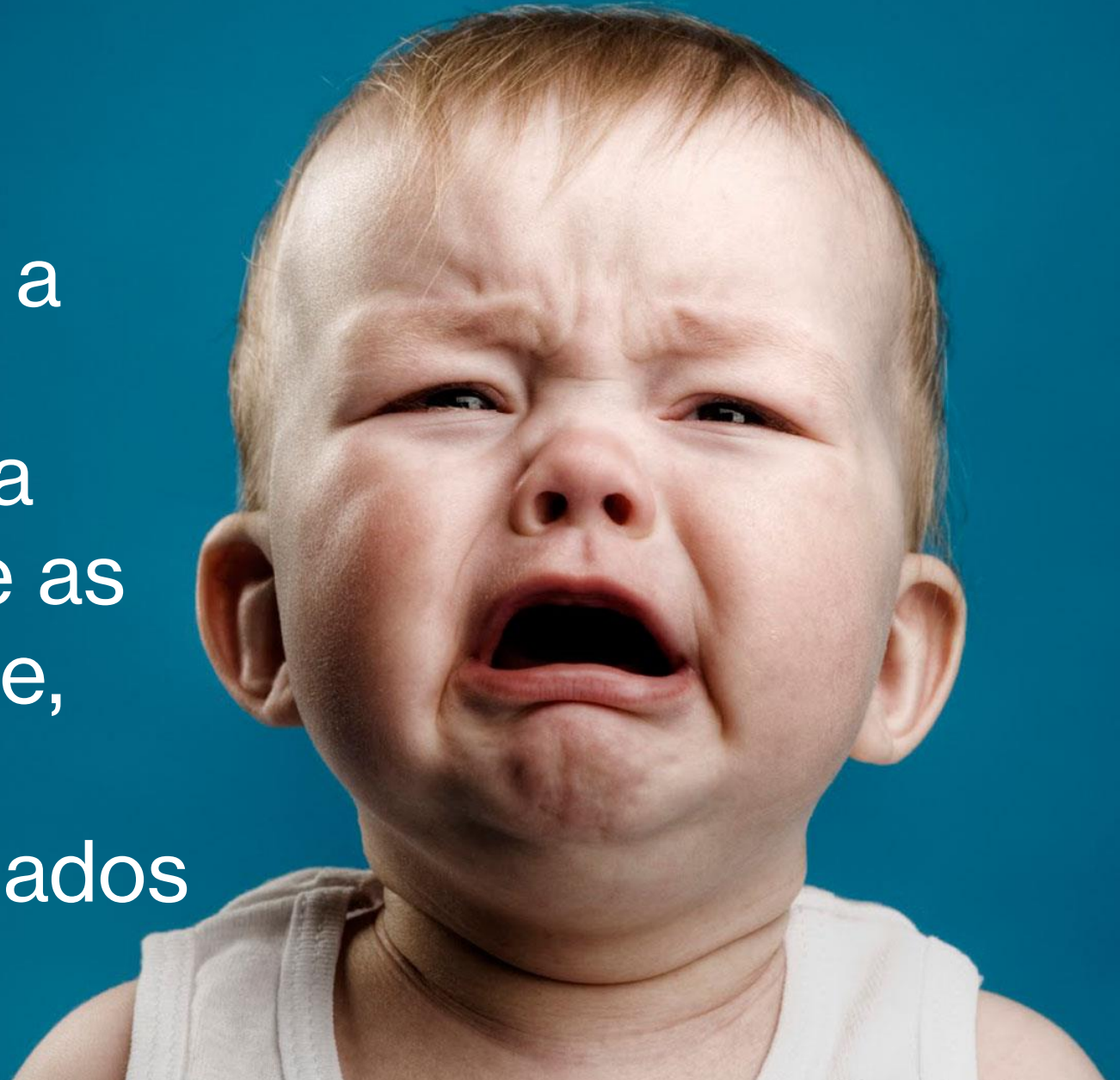
Significação, São Paulo, v. 47, n. 53, p. 162-183, jan-jun. 2020
Então ela é escrava? Escrava Isaura, history and national identity | Paula Halperin p180



Assim, no caso do trabalho das artes como na telenovela, existe traje “realista”, como a nossa pesquisadora de artes e o VideoShow querem nos fazer acreditar???

NÃO.

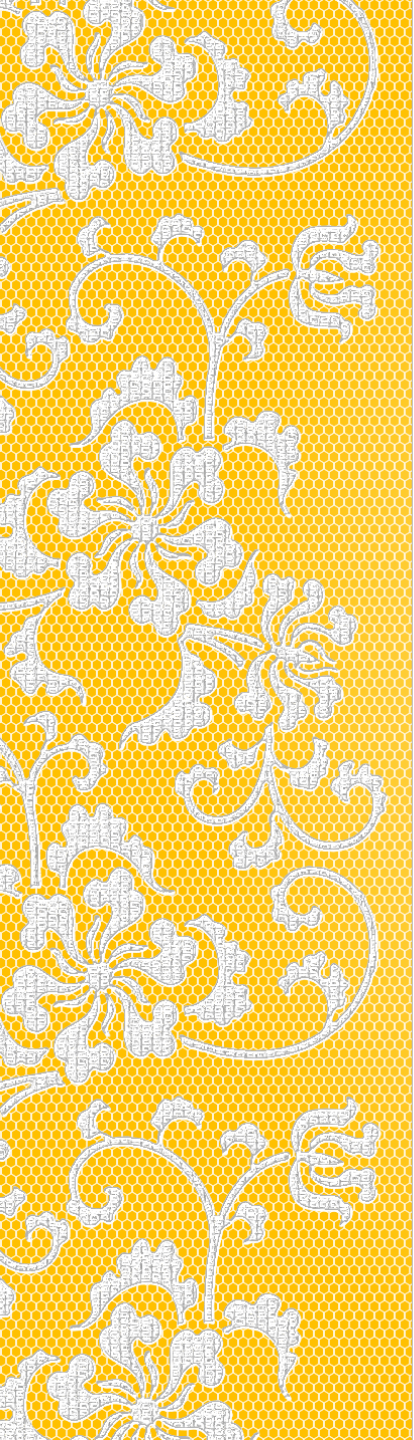
Não há mais o artesão, o homem que fez o tecido, a mulher ou alfaiate que o cortaram, o ar que aquela gente respirava, os rios e as águas que lavavam o traje, aqueles corpos com os hábitos de higiene e cuidados corporais...





É POSSÍVEL FALAR EM ESTÉTICA REALISTA, EM RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA...

Mas sabendo que o trabalho do artista - e o figurinista é um deles - é livre, sem ter que ter conexões com a “realidade”, que afinal, a gente nem sabe o que é.



REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS:

GUIMARÃES, Bernardo,. A escrava Isaura. Edição online disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000057.pdf>

DA TÁVOLA, A. “Você gostou daquelas roupas?” O Globo, Rio de Janeiro, p. 42, 3 fev. 1977c

VIANA, Fausto; MOURA, Carolina b. de. Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico]:cenografia, figurino, maquiagem e mais. São Paulo: EACH/USP, 2017

VIANA, Fausto.. Trajes realistas nas artes cênicas: “O que são, onde vivem, o que comem e do que são feitos”. Eles existem?

Viana, Fausto Campello Neto: uma vida dedicada à cenografia- São Paulo: Fausto Viana, 2010.

<https://memoriaglobo.globo.com>

www.arquivoluceliasantos.com

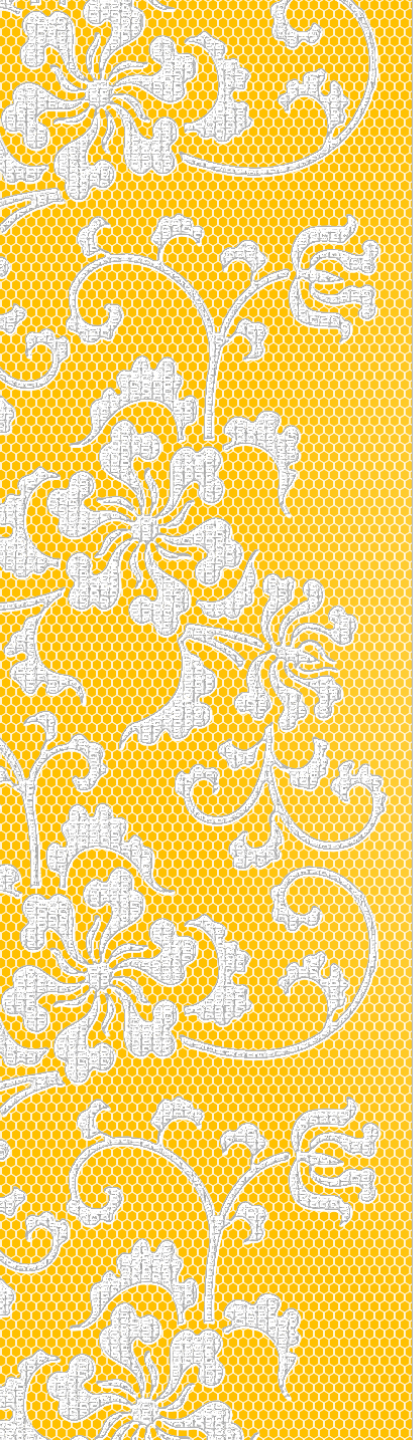


Léa Garcia (1933), melhor vilã



Muito obrigado!

faustoviana@usp.br



CURISIDADES PARA DEPOIS

CURIOSIDADES

Gilberto Braga conta que a sugestão para adaptar o romance de Bernardo Guimarães partiu de sua professora de português dos tempos de ginásio. Após ler dez páginas de Escrava Isaura, o autor ligou para o diretor Herval Rossano certo de que aquela história era perfeita para uma novela. Lucélia Santos estreou na Globo como a protagonista de Escrava Isaura.

CURIOSIDADES

Gilberto Braga conta que a sugestão para adaptar o romance de Bernardo Guimarães partiu de sua professora de português dos tempos de ginásio. Após ler dez páginas de Escrava Isaura, o autor ligou para o diretor Herval Rossano certo de que aquela história era perfeita para uma novela. Lucélia Santos estreou na Globo como a protagonista de Escrava Isaura. O convite para interpretar o papel-título da novela partiu de Herval Rossano, após assistir o desempenho da atriz ao lado de Milton Moraes na peça Transe no 18. Após o sucesso de Escrava Isaura, Lucélia Santos protagonizou diversos filmes baseados na obra de Nelson Rodrigues. Segundo a atriz, o escritor, que era fã da novela, se encantou com seu trabalho e com a personagem.

CURIOSIDADES

Nelson ligava com frequência para Gilberto Braga para saber o que aconteceria a Isaura nos próximos capítulos. Henriette Morineau fez uma participação especial na novela, interpretando uma atriz francesa, amiga do Comendador Almeida (Gilberto Martinho), que vem ao Brasil para estrelar o clássico Fedra, de Jean Racine.

CURIOSIDADES

Em determinado momento, a Censura Federal proibiu o uso da palavra “escravo” e a saída encontrada pelo autor foi trocá-la por “peça”. Lucélia Santos também se recorda da ação da Censura em uma cena em que Isaura se revolta e quebra seu quarto inteiro. Segundo a atriz, a cena foi gravada, mas não foi exibida por considerarem incompatível com a imagem de mulher submissa da personagem. A novela obteve grande sucesso, no Brasil e no exterior, alcançando países do então bloco comunista. Em Cuba, por exemplo, o racionamento de energia chegou a ser suspenso para que os telespectadores não perdessem os capítulos. Na China, Lucélia Santos ganhou o Prêmio Águia de Ouro, com os votos de cerca de 300 milhões de pessoas – foi a primeira vez que uma atriz estrangeira recebeu um prêmio no país. Escrava Isaura foi responsável pelo sucesso de venda da versão do livro de Bernardo Guimarães para o chinês e também ultrapassou as expectativas na Polônia, onde milhares de pessoas lotaram um estádio para assistir a uma competição de sócias dos personagens Isaura e Leôncio. Já na Rússia, a palavra “fazenda” foi incorporada ao vocabulário nacional. No final de 1985, Escrava Isaura já havia sido vendida a 27 países.

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/escrava-isaura/noticia/bastidores.ghtml>

CURIOSIDADES

A atriz Lucélia Santos visitou todos eles e recebeu diversos prêmios, como o Latino de Ouro, concedido pela Emissora Caracas de Rádio e Televisão, na Venezuela. Rubens de Falco, que acompanhou Lucélia Santos na maioria dessas viagens, recordava a recepção que tiveram na Polônia, onde centenas de pessoas os receberam ainda no aeroporto e fãs lotaram as ruas da cidade para aplaudi-los. Passados 40 anos de sua estreia, Escrava Isaura ainda está na lista das novelas mais comercializadas no exterior. Já foi exibida sete vezes na França, cinco na Alemanha e três na Suíça e chegou a países africanos como Congo, Gabão, Gana e Zimbábue. Dados consolidados pela Diretoria de Negócios da Globo mostram que a novela, em janeiro de 2016, é a quinta no ranking de programas mais vendidos ao exterior pela Globo, somando 104 países licenciados a exibi-la. Entre dezembro de 1979 e janeiro de 1980, a novela foi reapresentada num compacto de 30 capítulos, reeditados por Ubiratan Martins. A partir de setembro de 1982, foi ao ar dentro do programa TV Mulher. Em 1990, a reprise de Escrava Isaura encerrou o Festival 25 Anos da Globo.

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/escrava-isaura/noticia/bastidores.ghtml>



EQUIPE

Produtor executivo: Almeida Santos Editor: Beto Mariano Cenografia: Paulo Dunlop

Supervisão de figurinos: Carlos Gil

Figurinos: Zenilda Barbosa

Sonoplastia: Guerra Peixe Filho Produção musical: João Mello Arranjos especiais: Waltel Branco

Pesquisadora de época: Ana Maria Magalhães

Abertura: Nilton Nunes e Eugênio Fernandes. Gravuras de Debret cedidas pela fundação Castro Maia. Assistentes de produção: Mario Bandarra e Almir Chagas



CURIOSIDADES:

- Estreia de Lucélia Santos nas telenovelas.
- Exibida no Brasil 5 Vezes (1976 / 1977 / 1979 / 1982 / 1990).
- Exibida em 100 países.
- A versão compacta da novela contém 30 capítulos.
- Escrava Isaura sofreu imposições da Censura Federal que não queria o termo “escravo” na novela, a solução foi usar a palavra “peça”.
- As cenas externas das fazendas foram feitas em Conservatória e Vassouras (RJ) e as gravações em estúdios foram feitas na TV Educativa (RJ), por causa de um incêndio que a Globo havia sofrido.
- A Itália foi o primeiro país da Europa a exibir a novela.
- Fez a Rússia incorporar em seu vocabulário a palavra “fazenda”.



CURIOSIDADES:

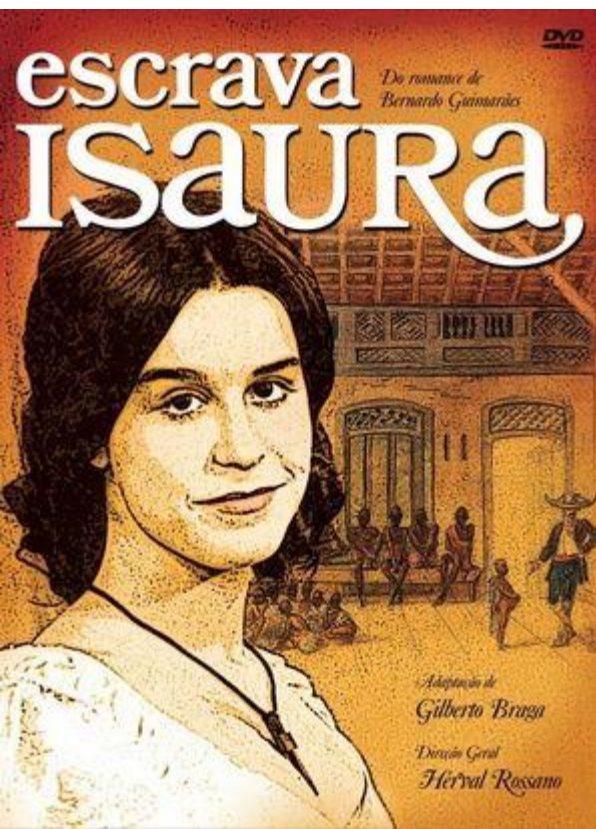
- Foi transformada em álbum de figurinhas e mudou a hora do racionamento de energia em Cuba.
- Na Hungria um menino cego enfrentou horas de fila só para conhecer a “Isaura/Lucélia”.
- Havia um cessar-fogo na guerrilha da Bósnia quando a novela entrava no ar.
- Lucélia ganhou os prêmios “Águia de Ouro”, na China; e o “Latino de Ouro” na Venezuela por seu desempenho na novela.
- Quando Lucélia e Rubens visitaram a Polônia, colocaram mais pessoas nas ruas que o Papa e a população fez “vaquinha” para libertar a escrava.
- Já foram feitas adaptações do romance para o circo, teatro e três vezes para o cinema (1917 inacabada, 1929 e 1949).
- Em 2004 a Rede Record produz uma nova versão do romance tendo os atores Bianca Rinaldi e Leopoldo Pacheco nos papéis principais com direção de Herval Rossano e Emílio di Biasi, além de contar com a participação especialíssima de Rubens de Falco e Norma Blum.



https://www.ricardooa-novela-escrava-isaura-com-lucelia-santos-estreia-na-rede-globorlandini.net/hoje_historia/ver/5303/







Кадр из сериала *Рабыня Изаура* |
Фото: kino-teatr.ru



ISAUURA La esclava

Educada como una princesa,
despreciada y humillada como esclava,
Isaura lucha por conseguir su libertad.
Conozca la historia de Isaura,
la esclava blanca.

UMA das novelas de maior sucesso da tevê volta ao vídeo dia 17 de dezembro, *Escrava Isaura*. A história original, exibida em 1976/1977, tinha 150 capítulos, mas a reprise terá apenas 80, até que a nova novela, baseada no romance *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo, tome seu lugar no horário. Dirigida por Herval Rossano e adaptada por Gilberto Braga, o romance de Bernardo Guimarães, *Escrava Isaura*, trata de um dos assuntos mais apaixonantes de nossa história: a escravidão.

Criada por dona Ester (Beatriz Lira), que a educou e ensinou, e filha de pais desconhecidos, Isaura sonha em conquistar sua liberdade, mas encontra pela frente Leôncio (Rubens de Falco), rapaz boêmio e frio que, ao contrário de sua mãe, dona Ester, procura movido por uma paixão doentia possuir Isaura, acabando por prejudicá-la e tornando-se um

empecilho para sua liberdade.

Entretanto, aparece na vida de Isaura Tobias (Roberto Pirillo), rapaz de família abastada da região. Ao saber deste romance, Leôncio fica ferido e manda matar o rapaz. Até Malvina (Norma Blum), sua própria mulher e também uma das protetoras de Isaura, paga com a vida sua dedicação pela escrava.

No fim, vence o amor

Vendo que estava ficando sozinha, Isaura resolve fugir e em Barbacena encontra Alvaro (Edwin Luisi), rapaz rico e só. O amor acontece e eles ficam noivos, mas Leôncio acaba descobrindo a escrava e levando-a de volta para a fazenda. Alvaro faz tudo para ficar novamente ao lado de Isaura, e acaba logrando Leôncio — conseguindo tudo o que era dele, inclusive escravos. Falido e abandonado, Leôncio se mata, deixando, assim, que a felicidade chegue para Alvaro e Isaura, que se casam.

Texto de José Fernando

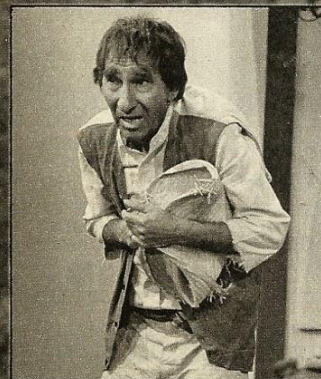
Sétimo Céu
nº 281 -
outubro/novembro 1979
- Bloch
Acervo : José
Henrique
Uessler

Sétimo Céu nº
281 - outubro/
novembro
1979 - Bloch
Acervo : José
Henrique
Uessler

escrava ISAURA

Você se lembra desta história?

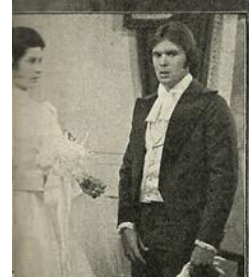
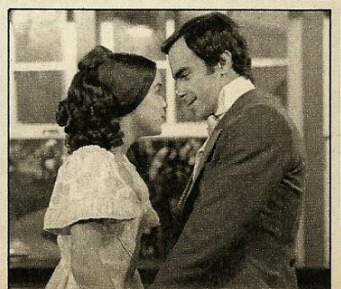
A escravidão e o amor são os temas desta novela que apaixonou o público. E tudo parte da figura de Isaura, a escrava que luta para se libertar em nome do amor. A novela fica no ar até ser substituída por Olhai os Lírios no Campo, no próximo ano.



Sendo escrava de Leôncio, Isaura vê-se obrigada por ele a casar-se com o jardineiro, Belchior (Carlos Duval), mas seu amor por Alvaro (Edwin) é mais forte.

Leôncio é o perfeito vilão da história: ele provoca um incêndio em que morrem Tobias (Roberto Pirillo), noivo de Isaura, e Malvina (Norma Blum), sua mulher.

Como Henrique (Mário Cardoso) e Tais (Elisa Fernandes), André (Haroldo Oliveira) acaba casando-se com Santa (Maria das Graças). Leôncio se mata.





É a primeira vez que Lucélia Santos faz novelas. Rubens de Falco e Haroldo de Oliveira têm personagens importantes.

ISAURA, A escrava que viveu em berço de ouro



O dia está chuvoso, mas o calor continua intenso e já tem gente suando dentro dos fraques e dos vestidos longos. O lugar é uma velha fazenda próxima a Palmares, que vem sendo transportada para a segunda metade do século XIX. Ali, a gente pode ver, de um lado, senhores de engenhos, mulheres altivas e mocinhas casadoiras. Do outro, mucamas e escravos. O ambiente é ainda bastante tenso. Este é o segundo dia de gravação da novela *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, adaptada por Gilberto Braga, que substituirá *O Feijão e o Sonho* a partir do dia 11 de outubro. Milton Gonçalves estará assinando a direção depois do 26.º capítulo, pois Herval Rossano parte em férias para os Estados Unidos. No elenco estão Lucélia Santos, no papel-título, Rubens de Falco (Leôncio), Roberto Pirilo (Tobias), Gilberto Martinho (Comendador Almeida), Beatriz Lira (Ester), Atila Iório (Miguel), Haroldo de Oliveira (André), entre outros.

A história de Isaura se passa por volta do ano de 1865, na cidade de Campos dos Goitacases, Estado do Rio. Isaura é uma escrava de traços finos (filha do português Miguel — jardineiro da fazenda de Tobias — e de uma mulata), criada como filha na Fazenda São José, pelo Comendador Almeida e sua esposa Ester. Este é o grande problema de Isaura que, apesar de ter tido uma boa educação, sofre a mesma discriminação social imposta aos escravos.

Reportagem de Maria Rosa Pecorelli
Fotos de Sérgio de Souza

UM FINAL FELIZ PARA ISAURA

Reportagem: Odefla Almeida



A novela "Escrava Isaura", da Globo, vai terminar da forma que todos previam e desejavam: Isaura e Alvaro casados e felicissimos.

jornalismoimpress
o.wixsite.com/escr
avaisaura40anos/c
uriosidades?lightb
ox=datattem-
ivuacxtq1



Com a morte de Leôncio (foto acima), Isaura finalmente fica livre de seu perseguidor para sempre. Passados todos os pesadelos de sua vida, a ex-escrava poderá viver tranqüila e feliz, ao lado do pai (foto abaixo) e de seu amado.



O feitor Francisco e Rosa (foto acima), que infernizaram a vida de Isaura, vão ter o fim que merecem: ele é preso por roubo e ela morre envenenada. Dona Carmem (abaixo) foi uma das pessoas que mais ajudaram Isaura a ser livre e feliz.



Foi um lindo conto de fadas! E, talvez, por se assemelhar tanto às maravilhosas histórias que povoaram a infância de todos nós, *Escrava Isaura* (Globo) vem batendo recordes de audiência no horário das 18 horas, até agora, quando ela está próxima do final.

Na trama não faltou nenhum dos elementos para compor uma narrativa fantástica e entrecortada, igual às que deslumbram há gerações milhares de cabezinhas românticas e sonhadoras: uma menina pobre, meiga e linda, Isaura (Lucélia Santos), um vilão perverso e cruel, Leôncio (Ruben de Fátima), uma fada madrinha, Dona Carmem (Ângela Leal), e, para completar o quadro, um belo príncipe encantado, rico, apaixonado e tão corajoso a ponto de salvar a donzela de seu terrível e triste destino, Alvaro (Edwin Luisi). E, como não podia dei-

xar de ser, após muitas e perigosas aventuras, o final feliz: Isaura e Alvaro se casam e vivem felizes para sempre...

PRÊMIO PARA OS BONS E CASTIGO PARA OS MAUS

Não é sem antes passar por novas e terríveis torturas, porém, que Isaura encontra a paz e a felicidade. Capturada por Leôncio, seu castigo atinge os limites da morbidez: no penúltimo capítulo da novela, Leôncio força a moça a se casar com o jardineiro da casa, um corcunda de aspecto repulsivo, apenas porque desconhecia que Alvaro está chegando para salvar a escrava. Mas, como não consegue atingir seus objetivos, Leôncio fica desesperado e se suicida, com um tiro na cabeça — um merecido e infeliz fi-

nal para o vilão! Também Rosa (Lés Garcia), a escrava que odeia Isaura, e Francisco (Isaac Bardavi), o feitor cúmplice de seu patrão, têm o fim que merecem. Rosa morre envenenada com uma "poção", que pretendia oferecer a Isaura, enquanto Francisco é preso ao tentar fugir com uma fortuna em jóias, que havia roubado da casa de Leôncio.

Castigados os maus, a novela termina com a felicidade geral dos bons. Seu Miguel (Átila Iório), que estava preso sob a acusação de roubar os escravos de Leôncio, entre os quais sua filha Isaura, é solto. Alvaro compra a fazenda de Leôncio e liberta todos os escravos amigos de sua amada. E Isaura, finalmente livre pela tão sonhada carta de alforria, vive o resto de seus dias ao lado do homem que ama, rica, respeitada e feliz!

Essa novela fez o sucesso de muita gente na TV

LUCÉLIA SANTOS está feliz com a volta de ESCRAVA ISAURA

A novela de maior sucesso do horário das 18 horas está de volta em um compacto de 30 capítulos. Escrava Isaura, uma adaptação do livro de Bernardo Guimarães por Gilberto Braga, foi responsável pelo lançamento de Lucélia Santos e Edwin Luisi na TV. Dirigida por Milton Gonçalves, voltará ao público brasileiro de grande emoção, e nos alicia, uma visão crítica do que foi o seu trabalho.

Lucélia Santos, por exemplo, defini Escrava Isaura com a palavra "realista" e fala de sua volta com prazer:

"Fazer esta novela foi ótimo em todos os sentidos. Profissionalmente foi maravilhoso ter estreado na TV com um papel tão bom e tão marcante. A Isaura abriu as portas da televisão para mim. O sucesso da novela foi tão grande que ela já foi ao ar duas vezes no Brasil e foi sucesso também em Portugal. A reprise de certas novelas, como Gabriela e O Bem-Amado, é até uma questão de consideração da emissora para com o público. A reprise de uma novela só não é legal quando a emissora quer usar o tempo já conquistado e não gastar nada com a produção. Mas esse não é o caso. As pessoas até me pararam na rua falando que vai ser um barato à Isaura voltar ao ar. Falar de Escrava é uma maravilha porque daquela época só tenho boas recordações. Me lembro muito do carinho que sentia por todos e elenco, muitos dos quais não voltei a encontrar de novo profissionalmente. A Escrava Isaura só me lembra coisas boas e vai ser um barato vê-la de novo no ar."

Edwin Luisi, intérprete de Álvaro, o apaixonado de Isaura, também fez sua estreia neste trabalho.

"Minha estreia não poderia ter sido melhor. Adorei fazer um papel romântico como aquele. Álvaro foi muito marcante, por isso inclusive resolvi partir para interpretar tipos diferentes nas novelas seguintes. Vou voltar ao ar o público me teve fazendo o Álvaro, aliás, eu até gostaria de fazer um papel romântico como aquele novamente. Fazer o público, rever o Escrava Isaura, mesmo que seja rapidamente, pois o compacto só terá trinta capítulos, será como rever um filme antigo do qual se gostou muito."

Também para Mário Cardoso, a volta ao ar de Escrava Isaura é muito válida:

"Trinta capítulos é muito pouco e tenho medo que a história sofra com isso. Isaura foi um excelente trabalho, muito também pelo personagem que era muito rico. Posso até dizer que foi minha melhor experiência na televisão."

Tudo foi muito bem, em especial a direção de Milton Gonçalves que conseguiu fazer maravilhas. Foi tudo tão bom que, o que eu gostaria de verdade, era fazer a Isaura toda novamente."

Para Angela Leal, interpretar Carmem foi um desafio: todos tinham pena da Isaura porque ela era branca, quando a realidade dela era a de todos os escravos. Mas meu personagem me conquistou porque ligava um pouco ao futebol, era muito mais humano, ela conseguiu escapar daquele maniqueísmo. Carmem me mostrou como a cabeça humana é presa a tradições. Tenho muita curiosidade para ver a Carmem de novo na televisão. Acredito que depois de três anos só voltou no meu processo de atriz e hoje vejo tudo com outros olhos. Isaura foi uma novela importante para o horário e fez voltar um novo ator, Gilberto Braga, com o qual vou trabalhar novamente, agora. Acredito que seria impossível adaptar melhor do que ele fez, levando em conta o horário."

Miriam Figueira é outra que admite que muita coisa mudou desde que fez a Escrava Isaura:

"Eu estava começando e ainda não tinha muita segurança na hora de apresentar. Por isso a Escrava foi válida, aprendi muita coisa, principalmente com Rubens de Fátima, com quem fiz a grande parte das minhas cenas (eu fui a segunda esposa dele na novela) e que me ensinou muito. Acho

que a novela vai perder muito, cedendo somente a um mês. Acho, entretanto, que a história ainda está viva na cabeça das pessoas e rever os momentos mais importantes já será uma boa. Gostaria de fazer a novela, embora tenha consciência de que hoje faria com outra interpretação, mesmo considerando válido o meu conceito. Afinal, ninguém nasce sabendo."

Mesmo ao tendo participado de dois capítulos, Lady Francisco admite que aparecer em duas novelas ao mesmo tempo não é muito bom porque confunde o público:

"A reprise de uma novela sempre é uma boa para o ator, no sentido de descobrir falhas e não se repetir de uma novela para outra. A novela foi ótima e vou gostar muito de revê-la."

De ponto de vista dramático, porém, Escrava Isaura foi a mais forte de todas as novelas apresentadas. As seis da tarde, na Globo, conseguiram convencer e motivar o grande público. A intensidade do problema da escravatura; a luta abolicionista; a esperança de liberdade; o amor mais forte que as convenções sociais; a eterna luta pelo progresso e pela igualdade entre as pessoas; as aventuras e os acontecimentos variados e permanentes dela fizeram a mais popular de todas as novelas do horário. O mesmo que sempre ocorreu com o romance crítico escrito em uma situação de grande público.

O autor conseguiu juntar as emoções superficiais da novela sentimental, com um conteúdo diretamente relacionado com a história do Brasil e com a história da humanidade: o problema da liberdade humana e dos direitos fundamentais do homem.

A produção de Escrava Isaura, se apresentou as falhas apontadas ao início — problema de estrutura de toda a novela televisiva —, conseguiu, por outro lado, locais adequados, uma coreografia impecável de Paulo Dunlop e um vesti-

ário muito bonito visualmente, dos mais cuidados e luxuosos jamais apresentados em nossa televisão, superando, inclusive, os da novela Senhora, até então os mais requintados e visualmente belos.

A direção de Milton Gonçalves conseguiu a intensidade dramática certa nos momentos necessários, embora, em passagens mais simples, nem sempre movesse os personagens como deveria, o que ocasionou momentos que pareciam fatiados com movimento, já que, sem a naturalidade dos diálogos e dos movimentos, os atores diziam as suas falas e ficavam esperando a do interlocutor, o que retrava uma certa fluidez dos diálogos e das situações. Alguns atores e atrizes, menos experientes ou talentosos, colaboraram para esta falha.

ERWIN, ainda, Escrava Isaura, parou para esta jovem Lucélia Santos, uma esperança de atriz, além de mostrar a espantosa evolução de vários atores negros, a quem se deve muito do êxito da história. Cede-se, também, ao diretor, esta evolução. Contando com papéis de destaque tais atores e atrizes vão ganhando a necessária tarimba e experiência. Serviu, ademais, 1) para mostrar o sólido protagonismo de Roberto Pilla, que, mesmo após morte do personagem Tobias, permaneceu querido pelos telespectadores, 2) para lançar o ator Edwin Luisi ainda muito preso e formal em excesso, e 3) para dar a atores como Rubens de Fátima, Zéi Pereira e Angela Leal, a oportunidade para solos magníficos, nos quais a categoria, o talento e a experiência dos três puderam ser seguidos por milhões de telespectadores. Norma Blum morreu cedo demais.

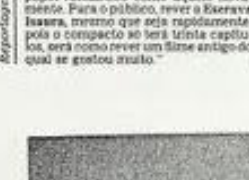
E quando dario a Italo Rossi, na televisão, personagens à altura do seu talento e do muito que este ator já fez no teatro brasileiro.



Mário Cardoso tem medo que a redução da novela para apenas trinta capítulos atrapalhe a história.



Edwin Luisi, agora na Handeirantes, também está feliz com a reprise da novela.



Lucélia Santos, que está gravando a substituta de Os Gigantes, acha a volta de Escrava Isaura importante.



Edwin Luisi, agora na Handeirantes, também está feliz com a reprise da novela.



Lucélia Santos, que está gravando a substituta de Os Gigantes, acha a volta de Escrava Isaura importante.

Artur da Távola analisa a importância da novela

ESCRAVA ISAURA, um novo caminho no velho horário

As novelas de época ainda apresentam falhas lamentáveis no tocante ao comportamento dos atores frente a câmera e aos hábitos do passado e, além disso, os diálogos tratam uma forma de falar moderna, repleta de expressões muito inimagináveis, elas, por outro lado, evoluem a cada dia.

Com Escrava Isaura o mesmo ocorreu. Algumas imperfeições formais, de roupa (embora fosse muito bonita como desenho), de etiqueta e maneira de falar, mas, por primeira vez tivemos uma novela de caráter histórico-literário que se transformou em algo mais do que uma história água-com-suco.

Escrava Isaura chegou a provocar várias polémicas entre os telespectadores, alguns violentamente contrários aos excessivos e invenções feitas pelo adaptador Gilberto Braga, que criou personagens e situações inexistentes na obra de Bernardo Guimarães. Mas a verdade é que tais invenções ajudaram a valorizar a peça televisiva.

De ponto de vista dramático, porém, Escrava Isaura foi a mais forte de todas as novelas apresentadas. As seis da tarde, na Globo, conseguiram convencer e motivar o grande público. A intensidade do problema da escravatura; a luta abolicionista; a esperança de liberdade; o amor mais forte que as convenções sociais; a eterna luta pelo progresso e pela igualdade entre as pessoas; as aventuras e os acontecimentos variados e permanentes dela fizeram a mais popular de todas as novelas do horário. O mesmo que sempre ocorreu com o romance crítico escrito em uma situação de grande público.

O autor conseguiu juntar as emoções superficiais da novela sentimental, com um conteúdo diretamente relacionado com a história do Brasil e com a história da humanidade: o problema da liberdade humana e dos direitos fundamentais do homem.

A produção de Escrava Isaura, se apresentou as falhas apontadas ao início — problema de estrutura de toda a novela televisiva —, conseguiu, por outro lado, locais adequados, uma coreografia impecável de Paulo Dunlop e um vesti-

ário muito bonito visualmente, dos mais cuidados e luxuosos jamais apresentados em nossa televisão, superando, inclusive, os da novela Senhora, até então os mais requintados e visualmente belos.

A direção de Milton Gonçalves conseguiu a intensidade dramática certa nos momentos necessários, embora, em passagens mais simples, nem sempre movesse os personagens como deveria, o que ocasionou momentos que pareciam fatiados com movimento, já que, sem a naturalidade dos diálogos e dos movimentos, os atores diziam as suas falas e ficavam esperando a do interlocutor, o que retrava uma certa fluidez dos diálogos e das situações. Alguns atores e atrizes, menos experientes ou talentosos, colaboraram para esta falha.

ERWIN, ainda, Escrava Isaura, parou para esta jovem Lucélia Santos, uma esperança de atriz, além de mostrar a espantosa evolução de vários atores negros, a quem se deve muito do êxito da história. Cede-se, também, ao diretor, esta evolução. Contando com papéis de destaque tais atores e atrizes vão ganhando a necessária tarimba e experiência. Serviu, ademais, 1) para mostrar o sólido protagonismo de Roberto Pilla, que, mesmo após morte do personagem Tobias, permaneceu querido pelos telespectadores, 2) para lançar o ator Edwin Luisi ainda muito preso e formal em excesso, e 3) para dar a atores como Rubens de Fátima, Zéi Pereira e Angela Leal, a oportunidade para solos magníficos, nos quais a categoria, o talento e a experiência dos três puderam ser seguidos por milhões de telespectadores. Norma Blum morreu cedo demais.

E quando dario a Italo Rossi, na televisão, personagens à altura do seu talento e do muito que este ator já fez no teatro brasileiro.

Alvaro (Edwin Luisi) e Isaura (Lucélia Santos) mostram sua felicidade no baile de Barbacena.

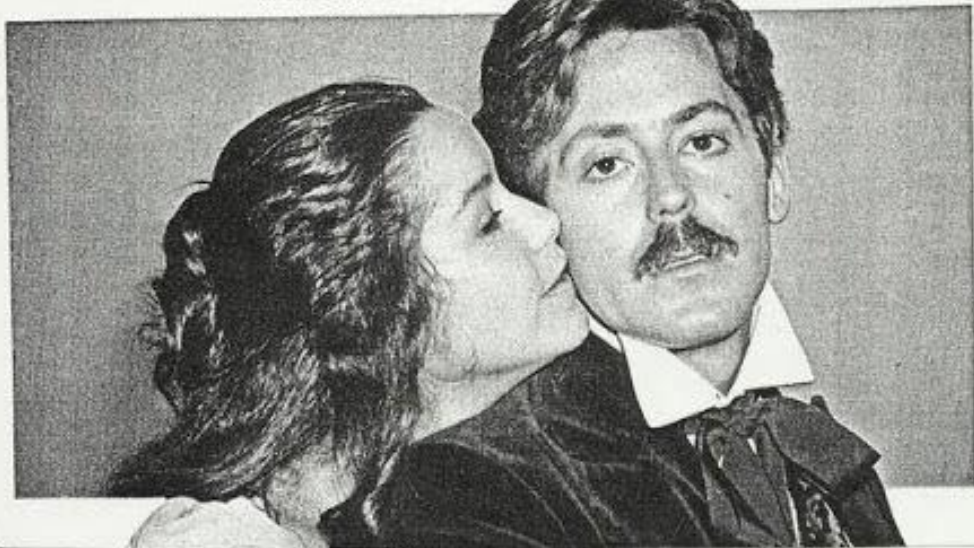


Mário Cardoso tem medo que a redução da novela para apenas trinta capítulos atrapalhe a história.

que a novela vai perder muito, cedendo somente a um mês. Acho, entretanto, que a história ainda está viva na cabeça das pessoas e rever os momentos mais importantes já será uma boa. Gostaria de fazer a novela, embora tenha consciência de que hoje faria com outra interpretação, mesmo considerando válido o meu conceito. Afinal, ninguém nasce sabendo."

Mesmo ao tendo participado de dois capítulos, Lady Francisco admite que aparecer em duas novelas ao mesmo tempo não é muito bom porque confunde o público:

"A reprise de uma novela sempre é uma boa para o ator, no sentido de descobrir falhas e não se repetir de uma novela para outra. A novela foi ótima e vou gostar muito de revê-la."



Reportagem de Helene Maria